



Coincidências de lugar. Uma leitura de *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago

*Coincidence of place.
A reading of The History of siege of Lisbon, by José Saramago*

TATIANA FAIA
Universidade de Lisboa
Lisboa – Portugal



Resumo: Neste ensaio proponho uma leitura de *História do Cerco de Lisboa* à luz do conceito de tempo tal como explanado por Saramago numa entrevista dada em 1998. Argumento que a noção explanada pelo autor de que o tempo pode ser entendido como não sendo diacrónico estabelece uma relação com a estrutura narrativa desta obra, em que o que temos é uma coexistência paralela de dois tempos e um autor/narrador que a eles tem acesso.

Palavras-chave: José Saramago; *História do Cerco de Lisboa*; Lisboa; Revisor; Romance Histórico

Abstract: In this paper I relate *The History of the Siege of Lisbon* with the concept of time that Saramago describes as being his own in an interview given in 1998. I argue that the notion that time can be understood as being non diachronic establishes a relationship with the narrative structure of this novel, in which we find a coexistence of two parallel times and an author/narrator who can access them.

Keywords: José Saramago; *The History of the Siege of Lisbon*; Lisbon; Proof Reader; Historical Novel

E creio que, dizendo nós a toda a hora que a única verdade absoluta é que toda ela é relativa, não sei por que é que, chegando o momento em que determinado escritor passaria por certo facto ou episódio, deveria aceitar como lei inamovível uma versão dada, quando sabemos que a história não só é parcial como é parcelar. Noutros termos: por que é que a literatura não há-de ter também a sua versão da história?

SARAMAGO, José. *Diálogos com José Saramago*, p. 87

A primeira palavra que Raimundo Silva profere em *História do Cerco de Lisboa* é “sim”, vocábulo que se torna tanto mais paradoxal se tivermos em conta que é justamente no livro do autor com quem naquela circunstância conversa que o revisor viria mais tarde a impor um deliberado “não”, escrito em “letras carregadas, bem desenhadas”.¹

Não é difícil argumentar que este é um daqueles princípios de livro com qualquer coisa de premonitório relativamente a acções posteriores da personagem em causa. De recurso parecido se socorre, por exemplo, Dostoiévsky no princípio d’ *O Idiota*, quando junta em diálogo duas personagens para a partir das suas palavras

delinear perante os olhos dos seus leitores os principais traços de carácter de cada uma, traços esses que acabam por se revelar determinantes na forma como mais tarde estas personagens virão a agir.

Começando por dizer “sim” ao autor de *História do Cerco de Lisboa*, Raimundo Silva ao mesmo tempo aponta para um sinal que é do âmbito da negação², que remete para o acto de apagar, tal como mais tarde, o seu “não” viria apagar, num primeiro nível de análise, a versão real da História de como fora Lisboa cercada

¹ *História do Cerco de Lisboa (HCL)*, p. 83. Edição utilizada: SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. 8. ed. [S.l.]: Caminho, 2008.

² Como nota Ettore Finazzi-Agró (1999: 343).

entre julho e outubro de 1147, abrindo a possibilidade a que esta história fosse por ele ficcionada. Num segundo nível de análise, é lícito inferir que o “não” que “apaga” a versão original da História do Cerco de Lisboa, apaga também o rumo que a vida de Raimundo Silva parecia irremediavelmente ter levado, na medida em que é causa da introdução de uma nova personagem, Maria Sara.

Rápido se percebe que não é muito amplo o espaço por que se move Raimundo Benvindo Silva. O trajecto mais longo que nos é descrito é, salvo erro, o que vaida Rua do Milagre de Santo António, onde vive, até a Av. do Duque de Loulé, onde se situa a editora em que desempenha funções de revisor (cf. p. 164).

As personagens que pertencem ao primeiro nível da diegese, e sobretudo aquelas com que, de forma mais relevante, se relaciona Raimundo Silva, são também elas escassas: Maria Sara, Costa, o autor da História do Cerco de Lisboa, a senhora Maria, Sara a telefonista.

O mundo em que habita Raimundo Silva é um mundo exíguo, quase da mesma forma, arriscaríamos dizer, que ficam exíguos os mundos que se contêm dentro de cidades cercadas. Como se isto não bastasse, o espaço de Lisboa em que habita a personagem principal do romance é vizinho, *grosso modo*, das antigas muralhas da cidade e, por isso mesmo, do lugar em que as tropas de D. Afonso Henriques, auxiliadas por cruzados a caminho do Médio Oriente, cercaram a cidade.

Esta coincidência de lugar (Raimundo Silva vive no mesmo lugar onde decorre a acção do livro que revê e do romance que mais tarde viria a escrever) recorda-nos a imagem de um palimpsesto: o correr de séculos gradualmente apagou a face que era a daquela zona da cidade em 1147, fazendo dela outra. Será também (pre)ocupação de Raimundo Silva ver esta primeira cidade, que sob a actual ficara sepultada (a este respeito *vide*, por exemplo, p. 133-135).

A imagem do palimpsesto é também conveniente quando pensamos na índole de *História do Cerco de Lisboa* enquanto romance histórico: temos um palimpsesto quando num manuscrito se apaga o que primeiro fora escrito para, reaproveitando a matéria-prima, se escrever sobre ele outra coisa.³ Não é difícil argumentar que o mesmo faz Raimundo Silva ao impor um “não” na relação, fiel ainda que de todo original, de acontecimentos que era sua tarefa rever.

Desta forma, o “não” é *deletur* dessa primeira versão, passando o pleonasma, histórica da História e, quando imposta sobre ela o relato ficcionado, o que temos é uma imagem da História como palimpsesto possível da ficção. A História torna-se matéria-prima que pode ser alterada. Neste sentido, também sob este revisor, cujo trabalho é verificar a correcção de um texto, se esconde, afinal, o escritor em potência. Um pouco como se o

revisor fosse o ideal “palimpsesto” para o escritor.⁴ Isto terá pressentido Maria Sara, quando nota a qualidade (literária?) dos pareceres de Raimundo sobre livros publicados pela editora (v. *HCL*, p. 109).

A somar a isto, como nota Isaura de Oliveira (1999: 369), este revisor torna-se também naquele que revê a História. O facto de, sobre a versão da História, Raimundo Silva ter imposto um “não” é o que dá lugar a que ela possa ser ficcionada e pela ficção revista. Esta revisão, conduz, por sua vez, a uma revisão da sua própria vida, pois, nas palavras de Maria Sara (*HCL*, p. 110), “o Não que naquele dia escreveu terá sido o acto mais importante da sua vida”.

O exercício de escrever nova versão, literária, da História é revisão de acontecimentos passados, relativos ao ano de 1147, mas é também revisão do futuro, na medida em que o acto de a escrever produz um desvio no rumo para que tudona vida desta personagem, austera e solitária, mais rodeada de livros do que de pessoas, parecia apontar.

Em certo sentido, e até ao momento em que nele intimamente se enraíza a noção de que, como afirma Maria Sara, “a distinção entre não e sim é o resultado de uma operação mental que só tem em vista a sobrevivência” (*HCL*, p. 299), o tempo em que vivia Raimundo Silva estava parado. O prazer que retirava dos dias era aquele que já estava previsto na rotina que para si próprio criara. Por exemplo, para “este homem de normas e princípios” as torradas eram “quase um vício” (*HCL*, p. 55). Cultivava ainda o “hábito higiénico de conceder-se a si mesmo um dia de liberdade” (*HCL*, p. 57) a cada revisão concluída. Pouco mais.

Não é despiendo notar o juízo que dele guarda a menina Sara, telefonista da editora: “conhece-o há uns bons anos e de cada vez que o vê não lhe tem encontrado mais diferenças que as do tempo que passa” (*HCL*, p. 167). Desta forma se diz que o tempo passara por esta personagem, mas ela ainda não passara pelo tempo. O facto de Raimundo Silva abandonar o hábito de pintar o cabelo – que para ele próprio era “lastimável operação” (*HCL*, p. 103) –, depois de Maria Sara lhe ter sugerido que escrevesse nova versão da História do Cerco de Lisboa e pouco antes de se lançar nessa tarefa (*HCL*, p. 121), é talvez indício de que, só a partir desse instante, começa o tempo, verdadeiramente, a correr para Raimundo Silva, ou que a passagem deste se torna finalmente tolerável.

³ Notara-o, entre outros, Ettore Finazzi-Agró (1999: 343).

⁴ Embora nunca saibamos qual o destino editorial da história escrita por Raimundo Silva, este e Maria Sara discutem, com alguma ironia e bom humor, uma eventual publicação (daquilo que o revisor na altura ainda não está certo de ser um livro) na editora em que ambos trabalhavam (cf. *HCL*, p. 301).

É o revisor que decide que na sua própria imagem devem transparecer todas as marcas do tempo que passa, e não apenas aquelas que não podem ser submetidas a uma operação de “cunhagem particular de moeda falsa” (HCL, p. 103), e é esta “nova versão” de si próprio quem principia a escrita de uma nova versão dos acontecimentos de 1147.

Contudo, importa notar que não é o aparecimento de Maria Sara nem a decisão definitiva de se dedicar a escrever a versão da História do Cerco de Lisboa em que os portugueses se viram privados do auxílio dos cruzados o que causa a mudança que se instaura na vida de Raimundo Silva, estes parecem-nos ser factos mais do âmbito da consequência do que da causa. A habilidade para a mudança é anterior a isso, no sentido em que é dentro da própria rotina do revisor que se esconde o potencial para a estilização:

Apesar de tantos anos desta monótona vida, ainda o toca a curiosidade de saber que palavras o estarão aguardando, que conflito, que tese, que opinião, que simples enredo, aconteceu isso mesmo com a História do Cerco de Lisboa, nem seria de estranhar, que desde os tempos da escola nunca mais o acaso ou a própria vontade o haviam feito interessar-se por tão remotos episódios. (HCL, p. 57)

É talvez uma inconsciente “curiosidade de saber que palavras o estarão aguardando” o que leva o revisor a escrever o fatídico “não” nas provas que estava a rever. Mas não é apenas isso. É também aquele “Faz de mim outra coisa, se és capaz” (HCL, p. 48), irresistível provocação da “inapelável sentença” que estabelecia que os “cruzados auxiliarão os portugueses a tomar Lisboa”, que move “Raimundo-Dr. Jekyll-Mr. Hyde-Silva” a seguir aquilo que ele apelida de “disparate”, mas que é na verdade uma questão vital, um irresistível impulso.

Este é, pois, um gesto de pequena e privada *hybris*, exercida com a totalidade (e na máxima extensão) de poderes que estão ao alcance de um simples revisor e que se traduz na “violação de um código deontológico não escrito mas imperioso”, que estabelece que o revisor é “um conservador obrigado pelas conveniências a esconder as suas voluptuosidades, dúvidas, se alguma vez as tem, guarda-as para si, muito menos porá um não onde o autor escreveu sim” (HCL, p. 49).

Todavia, ao contrário do que sucede em tragédias gregas, este gesto pleno de *hybris* arrasta consigo uma torrente de alterações mas não um desfecho trágico. Toda a descrição do momento em que Raimundo Silva acaba por ceder à tentação de violar todas as normas que “em tantos anos de honrada vida profissional, jamais [...] se atrevera, em plena consciência, a infringir” (HCL, p. 50) recorda-nos dois versos de um poema de Sylvia Plath: “By

the roots of my hair some god got hold of me. / [...] A vulturous boredom pinned me in this three”.

Será lícito argumentar que a “curiosidade de saber que palavras o estarão aguardando” mas também “a vulturous boredom” (palavra que é um jogo entre “boredom” e “doom”, tédio e condenação) são os elementos que estão na génese de um gesto que nada, *a priori*, faria prever, tendo em conta a descrição que nos é feita do *modus vivendi* de Raimundo Silva.

Embora estas duas causas possam justificar o acto praticado pelo revisor, ainda assim, há nele uma parcela de inexplicável, na medida em que a personagem não pode saber naquele preciso instante que consequências, benéficas ou nefastas, aquele gesto terá no seu futuro. É com uma vontade cega que esta personagem age, uma vez que não sabe, não pode saber, concretamente sobre que elementos agirá a sua vontade, o que poderá ela convocar para a sua vida.

É um pouco como se um *daimon*, uma divindade como a que visitava Sócrates na *Apologia*, se tivesse apoderado do pobre revisor. Da mesma noção nos fala a analogia nesse passo utilizada (HCL, p. 49), do combate entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde, personagens (ou duas faces de uma só personagem), da novela de Robert Louis Stevenson, *Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

O momento de impor sobre a História o “não” é, pois, o momento em que esta personagem se define e se torna outra coisa. Ao escrever “não”, Raimundo Silva responde também ao desafio que escutara. De facto, ele “faz” daquela frase “outra coisa”. Ao revelar-se “capaz” deste gesto, o revisor perpetra uma transgressão, ele passa de mero “conservador” de um código, de mero fiscal da língua, invisível sombra do autor, a autor ele próprio, na medida em que a alteração por ele imposta não muda os acontecimentos tal como eles se deram em 1147 (os cruzados continuaram a ter ajudado os portugueses na tomada de Lisboa, a alterada História do Cerco de Lisboa passará simplesmente a circular com uma errata), mas instaura a possibilidade de ele se tornar demiurgo de um mundo possível, que será uma das grandes diferenças que separa o escritor de ficção do escritor de História.

No livro *Diálogos com José Saramago*⁵, o Nobel da Literatura fala-nos do modo como entende o tempo:

Tentando exprimi-lo de uma maneira gráfica: entendo o tempo como uma grande tela, uma tela imensa, onde os acontecimentos se projectam todos, desde os primeiros até aos de agora mesmo. Nessa tela, tudo está ao lado de tudo, numa espécie de caos, como se o tempo fosse comprimido e além de comprimido espalmado, sobre essa superfície; e como se os acontecimentos, os factos, as pessoas, tudo isso aparecesse ali não diacronicamente arrumado, mas numa outra “arrumação caótica”, na qual depois seria preciso encontrar um sentido.

⁵ Carlos Reis (1998: 80).

Isto tem muito que ver com uma ideia (consequência imediata daquela, provavelmente) que é a da não existência do presente. Quer dizer: a única coisa que efectivamente há é o passado e o presente não existe, é qualquer coisa que se joga continuamente, que não pode ser captado, apreendido, que não pode ser detido no seu curso; e portanto, uma vez que não pode ser detido, em momento nenhum eu posso intersectá-lo. Foi esta ideia do tempo como uma tela gigante, onde está tudo projectado (o que a História conta e o que a História não conta), foi isso que meteu na minha cabeça uma espécie de vertigem, de necessidade de captação daquele todo; e a par dessa, uma outra necessidade que é a de compreender como se ligam todas as coisas que não têm (ou parecem não ter) nada que ver ali: Auschwitz ao lado de Homero, por exemplo; ou o homem de Néanderthal ao lado da Capela Sistina.

Esta imagem do tempo como uma “tela gigante”, onde tudo se projecta, sem que por isso se apresente de um modo “diacronicamente arrumado”, antes “numa outra “arrumação caótica”, e é afinal a “imagem do tempo” em *História do Cerco de Lisboa*, uma vez que não há uma separação por capítulos entre os dois níveis da diegese, ainda que, por vezes, o início de um capítulo coincida com a narração da História do Cerco de Lisboa por Raimundo Silva, muitas vezes o que sucede é que esta história irrompe pelo curso do primeiro nível da diegese (v., por exemplo, *HCL*, p. 61).

Da mesma forma, Raimundo Silva, narrador-autor da História do Cerco de Lisboa, ao projectar a sua história de amor com Maria Sara no par Mogueime/ Ouroana, liga duas coisas que aparentemente não estariam relacionadas, na medida em que se coloca o passado a falar desse tempo que não existe, o presente.

A escolha de uma personagem como Mogueime, referida na *Crónica de D. Afonso Henriques* de Frei António Brandão e no texto da *Crónica de Cinco Reis* (ainda que os factos sobre ele contados apresentem diferenças consoante a fonte e também a forma do seu nome varie entre Mogueime, Moqueime e Mogeima, [*HCL*, p.192])⁶, reflecte a preferência por contar histórias sobre personagens comuns que Saramago refere na entrevista dado a Carlos Reis (Carlos Reis [1998: 82]).

Também porque as vidas destas personagens, que ficam registadas na História quase como mero parêntesis (como é o caso de Mogueime, que subira para cima das costas de Mem Ramires para que se pudesse alcançar as muralhas de Santarém, ou vice-versa, de quem pouco se sabe), acrescentarão talvez maior verosimilhança à história contada, porque sabemos que existiram mas não saberíamos que história seria a delas (poderá eventualmente ser esta?).

Importa ainda notar que, havendo uma projecção do presente no passado, este dado acaba por afectar o

tempo presente, uma vez que a decisão de escrever uma nova versão da História, ou seja, escrever uma história, implica que Raimundo Silva, nas palavras de Maria Alzira Seixo⁷:

assuma a responsabilidade de garantir [o amor], escrevendo ele-próprio a história a partir dessa inversão do sentido. Só que a história a partir desse “não” é já uma ficção, uma história de amor, porque se faz por amor e de amor – personagens vão emergir desse cerco, Mogueime e Ouroana, que representarão, nesse tempo da fundação da história nacional, e noutra plano da narrativa, a própria história de amor entre Raimundo e Maria Sara, em perfeitas etapas paralelas, e numa representação autonímica que as próprias personagens – as de agora – reconhecem.

Outra afirmação a reter desta entrevista de José Saramago é a de que “a única coisa que efectivamente há é o passado e o presente não existe”, talvez porque, na explicação do próprio autor, este tempo “é qualquer coisa que se joga continuamente”, é o imediato, o que nos acontece neste preciso instante e só no segundo seguinte passará a fazer parte do passado e será então passível de ser guardado (na memória ou, eventualmente, escrito).

Em certo passo da *História do Cerco de Lisboa*, afirma o narrador que só o tempo que passou “é verdadeiramente tempo” (*HCL*, p. 56), o que intimamente se ligará à noção de que “os tempos deixaram de ser noite de si mesmos quando as pessoas começaram a escrever” (*HCL*, p. 13), porque pela palavra escrita se convoca o que de outra forma seria sempre presente, e por isso para sempre perdido, uma vez passado o seu instante. Pela palavra escrita se conserva a História e se pode contar a história, porque também todo o romance é “intento frustrado de que o passado não seja coisa definitivamente perdida (*HCL*, p. 56)”.

É por um exercício de memória, mas também porque é possível conservar o tempo, ou formas possíveis de tempo, em (à partida) seguro lugar, o da escrita, que é possível escrever-se a história e a História, daí eventualmente, e em última análise, essa outra constatação do revisor Raimundo Silva de que “tudo quanto não for vida, é literatura, A História também, A História sobretudo”.

Raimundo Silva, ao passar de revisor a escritor, torna-se, já o disséramos, demiurgo de um mundo possível. Contudo, e importa notar isto, o papel do escritor neste mundo por ele criado não está à partida definido.

⁶ Figura que Raimundo Silva acaba por “aceitar” (*HCL*, p. 190) para personagem, porque é atraído pela “desenvoltura, se não mesmo o brilho, com que relatou o episódio do assalto a Santarém, mas, mais do que bondades literárias” o “humanitário impulso” com que se apieda de um grupo de “infelizes mouras”.

⁷ Maria Alzira Seixo (1999: 76).

Raimundo Silva não tem total autoridade em relação à história que está a contar, também porque será o presente, uma vez passado, a resolver esse passado mais longínquo. Isto infere-se, por exemplo, do facto, acima referido, de ele “aceitar” Mogueime como personagem (e não de a escolher) ou na seguinte circunstância:

A menos de cinquenta metros, embora invisível daqui, está a sua casa e, ao pensá-lo, apercebe-se, pela primeira vez, com evidência luminosa, de que mora no preciso lugar onde antigamente se abria a Porta da Alfôfa, se da parte de dentro ou da parte da fora eis o que hoje não se pode averiguar e impede que saibamos, desde já, se Raimundo Silva é um sitiado ou um sitiante, vencedor futuro ou perdedor sem remédio.

Pelo exercício da escrita, também Raimundo Silva se vai escrevendo a si próprio, se vai apropriando, descobrindo e fixando uma outra forma de vida possível. Desta forma, o segundo nível da diegese tem influência sobre o primeiro, ou seja, o passado que está em processo de ser ficcionado exerce um poder na vida de quem o escreve, porque é pela escrita que Raimundo Silva conquista o amor de Maria Sara. Mas, também o presente virá influenciar o passado, na medida em que o agora autor de uma nova versão (ficcional) da História nela projecta o ritmo da sua própria vida e da sua história.

A conquista da cidade e a conquista de Ouroana por Mogueime prefiguram também a conquista da mulher amada por Raimundo Silva, daí que se diga (*HCL*, p. 330): “Claro que estamos em guerra, e é guerra de sítio, cada um de nós cerca o outro e é cercado por ele, queremos deitar abaixo os muros do outro e continuar com os nossos, o amor será não haver mais barreiras, o amor é o fim do cerco.”

Todavia, se Raimundo Silva projecta o seu amor por Maria Sara no passado, a projecção desta no futuro, porém, é feita de forma prudente e honesta: “Dure esta relação o que durar, quero vivê-la limpamente, gostei de ti pelo que és, presumo que o que sou não te impede de gostares de mim, e basta (*HCL*, idem).”

Escreveu Walter Benjamin em *O Anjo da História*⁸:

“Entre as mais notáveis características do espírito humano”, diz Lotze, “conta-se..., no meio de tantas formas particulares de egoísmo, a ausência generalizada de inveja de cada presente em relação ao seu futuro”. Esta reflexão leva a que a imagem da felicidade a que aspiramos esteja totalmente repassada do tempo que nos coube para o decurso da nossa própria existência. Uma felicidade que fosse capaz de despertar em nós

inveja só existe no ar que respiramos, com pessoas com quem pudéssemos ter falado, com mulheres que se nos pudessem ter entregado. Por outras palavras: na ideia que fazemos da felicidade vibra também inevitavelmente a da redenção. O mesmo se passa com a ideia do passado de que a história se apropriou. O passado traz consigo um *index* secreto que remete para a redenção. Não passa por nós um sopro daquele ar que envolveram os que vieram antes de nós? Não é a voz a que damos ouvidos um eco de outras já silenciadas? As mulheres que cortejamos não têm irmãs que já não conheceram? A ser assim, então existe um acordo secreto entre as gerações passadas e a nossa. Então, fomos esperados sobre esta Terra. Então, foi-nos dada, como a todas as gerações que nos antecederam, uma ténue força messiânica a que o passado tem direito.

Se, por um lado, este livro, *História do Cerco de Lisboa* “materializa” (tanto quanto pode um livro materializar algo) a noção que faz a epígrafe deste texto, de que a literatura pode ter “a sua própria versão da História”, por outro, na resolução (prudente e honesta) patente nas palavras de Raimundo Silva que acima citámosressoar, não só, esta noção de que do futuro não é possível, nem será lícito, ter inveja (diz o revisor que “limpamente” quer viver aquela relação) mas também (no caso desta personagem talvez um pouco mais literalmente do que em outros casos, verídicos ou ficcionais) de que, ao fim de, por algum tempo, nos determos sobre o passado, naquilo em que ele poderá remeter para a redenção de que fala Walter Benjamin, por nós passa, ou pode passar, um “sopro daquele ar que envolveram os que vieram antes de nós” (tanto quanto podemos nós imaginar esse sopro, que é afinal outra maneira de o ver, a única maneira possível de o ver), que talvez seja aquela sombra que “sob o alpendre da varanda respirava”, na última página do romance, penhor desse acordo secreto que talvez exista entre “as gerações passadas e a nossa”, vaga esperança, ténue e sempre incerta, de “termos sido esperados sobre esta Terra”.

Referências

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história: Obras escolhidas de Walter Benjamin*. Trad. e ed. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

CERDEIRA DA SILVA, Teresa Cristina. *José Saramago, entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

CERDEIRA DA SILVA, Teresa Cristina. José Saramago: A ficção reinventa a história. In: *Colóquio – Letras*, David Mourão-Ferreira (Dir.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n. 120, abr./jun. 1991.

FINAZZI-AGRÓ, Ettore. Da capo: O texto como palimpsesto na “História do Cerco de Lisboa”. In: *Colóquio – Letras*, Joana

⁸ In: BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História: Obras Escolhidas de Walter Benjamin*. Trad. e ed. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, p. 9-10.

Morais Varela (Dir.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n. 151/152, jan./jun. 1999.

GUSMÃO, Manuel. O sentido histórico na ficção de José Saramago”. In: *Vértice*, Francisco Melo (Dir.), Lisboa: Editorial Caminho, n. 87, nov./dez. 1998.

OLIVEIRA, Isaura de. Lisboa segundo Saramago: a história, os mitos e a ficção. In: *Colóquio – Letras*, Joana Moraes Varela (Dir.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n. 151/152, jan./jun. 1999.

REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago: o essencial e outros ensaios*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999. (Temas Portugueses).

Recebido: 15 de outubro de 2011
Aprovado: 23 de dezembro de 2011
Contato: revistanavegacoes@puers.br